APRENDENDO A SER CRIANÇA: SEXO, GÊNERO E CULTURA NAS BRINCADEIRAS INFANTIS

Débora FEITOSA
Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília
Eixo 10 - Gênero e sexualidade na Educação
debora.feitosa@unesp.br

Palavras-chave: Educação Infantil. Relações de Gênero. Brincadeiras Infantis.

1. Introdução

O debate sobre relações de gênero na Educação Infantil demanda uma superação das visões bioessencialistas que naturalizam os papéis de meninos e meninas no cotidiano escolar. Sob a perspectiva teórica de Judith Butler (2019), o conceito de gênero rompe radicalmente com determinismos biológicos, sendo definido como uma construção social e discursiva produzida continuamente por meio de práticas, normas e repetições regulatórias. Butler (2019) introduz o conceito de performatividade de gênero, argumentando que o "masculino" e o "feminino" não emanam de uma essência interna, mas de regras sociais que moldam os corpos para torná-los inteligíveis. Essa discussão se articula com Anne Fausto-Sterling (2000), que contesta a rigidez do sexo biológico e demonstra que a ciência é influenciada por valores políticos e culturais.

Conforme aponta Finco (2003), gênero implica compreender como são produzidas as diferenças culturais e sociais nas relações entre homens e mulheres. No cenário da Educação Infantil, as crianças deparam-se com estruturas formais que buscam enquadrar seus corpos, desenhos e comportamentos de acordo com esses binarismos tradicionais. Assim, o trabalho é analisar como as relações de gênero se manifestam, se reproduzem e ganham novos sentidos nas brincadeiras e produções lúdicas de meninos e meninas na Educação Infantil, buscando analisar o papel dos brinquedos e dos materiais de expressão na manutenção ou questionamento de papéis estereotipados, assim como problematizar a atuação das práticas pedagógicas e das docentes na desconstrução do sexismo escolar.

2. Procedimentos metodológicos

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza teórica e bibliográfica, realizada por meio de uma abordagem qualitativa. O corpus de análise é

constituído pelas formulações sobre performatividade de Butler (2019) e pelo construcionismo biológico de Fausto-Sterling (2000), articulados com os estudos de Finco (2003) sobre o brincar na educação infantil, com as proposições de Abramowicz e Vandenbroeck (2013) sobre a infância como um campo de produção de diferença, cultura e invenção. O método consistiu na leitura crítica, fichamento e cruzamento interdisciplinar das obras selecionadas, estabelecendo um diálogo analítico entre a filosofia social, a sociologia da infância e as interações lúdicas e expressivas de crianças de 4 a 6 anos no espaço escolar.

3. Resultados obtidos

Os adultos exercem uma forte vigilância para garantir a própria obsessão com a sexualidade normalizante e uma persistente dificuldade em diferenciar identidade de gênero de identidade sexual. A divisão na qual se destina às meninas o universo miniaturizado do cuidado doméstico e aos meninos um arsenal de exploração não se limita aos objetos tridimensionais, mas estende-se às práticas expressivas gráficas. No entanto, as fronteiras de gênero são constantemente borradas e reinventadas pelo público infantil durante o brincar livre, quando há a oportunidade de ignorar as barreiras impostas pela cultura adulta. De acordo com as constatações de Finco (2003, p. 97), "os meninos e meninas brincavam de tudo que lhes dava prazer: de bola, de boneca, de empinar pipa, de carrinho, de casinha, de panelinha, de espada". Evidencia-se que os estereótipos sexuais rígidos não pertencem genuinamente à cultura das crianças, mas são assimilados progressivamente devido às pressões institucionais e ao sexismo disseminado pela sociedade.

A infância como um território de produção cultural e de inovação, onde as crianças rompem com o adultocentrismo ao reinventar, tensionar e negociar as normas sociais com seus pares (Abramowicz; Vandenbroeck, 2013). A escola, portanto, pode tanto atuar na captura da potência criativa infantil — transformando a diferença em desigualdade ao impor filas, espaços, uso de materiais e divisões mecânicas por sexo —, quanto se consolidar como um ambiente promotor de equidade e liberdade. A organização do espaço lúdico e a intervenção da professora são determinantes: quando o acesso aos materiais, brinquedos e lápis de cor é diversificado, flexível e livre de preconceitos, o binarismo é enfraquecido e abre-se espaço para experiências não sexistas que validam a pluralidade infantil.

5. Conclusões

As brincadeiras e as expressões artísticas na Educação Infantil constituem um espaço dinâmico de produção cultural, socialização e negociação das identidades de

gênero. A imposição de dicotomias artificiais e a patologização de comportamentos que rompem as expectativas tradicionais funcionam como uma violência institucional que restringe a pluralidade do desenvolvimento humano e enfraquece as marcas corporais e cognitivas que as crianças poderiam desenvolver livremente. Assim, é necessário desconstruir o binarismo que comanda as polaridades clássicas entre masculino e feminino, estendendo essa vigilância crítica para os brinquedos, o uso do espaço, da linguagem e das artes visuais na infância.

Conclui-se que o profissional da Educação Infantil possui o dever ético e político de intervir criticamente sobre sua própria prática, abandonando posturas vigilantes de normalização dos corpos e das escolhas das crianças. De acordo com Finco (2003), a articulação consciente entre as discussões de gênero e as vivências escolares é o caminho necessário para abrir novos horizontes pedagógicos; relacionar gênero e infância permite que possamos enxergar as múltiplas formas de ser menino e de ser menina que as categorizações não nos deixam ver.

Somente por meio de uma pedagogia aberta, atenta e não sexista, alinhada à compreensão de que as crianças são produtoras ativas de cultura, capazes de subverter a lógica de que certas cores ou brinquedos pertencem a um único sexo, será possível assegurar que elas vivam sua infância na totalidade, construindo relações baseadas no respeito mútuo, na igualdade e na liberdade de ser.

5. Principais referências

ABRAMOWICZ, Anete; VANDENBROECK, Michel. **Educação infantil e diferença**. Campinas: Papirus, 2013

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Sexing the body**: gender politics and the construction of sexuality. New York: Basic Books, 2000.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 3 (42), p. 89–101, set./dez. 2003.